

## O PARADIDÁTICO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UM CAMINHO PARA APRENDER A LÍNGUA INGLESA

Albérís Eron Flávio de Oliveira<sup>1</sup>  
(UFRN/IFRN)

Ana Graça Canan<sup>2</sup>  
(UFRN)

### RESUMO

O livro de Ítalo Calvino (1923 – 1985), *Por que ler os clássicos*, republicado pela Companhia das Letras no ano de 1993, nos convida a releituras recorrentes e traz a confirmação de uma afirmação do autor quando ele diz que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p.11). O autor italiano, nascido em Cuba, nos desafia a entender a importância e o papel da leitura dos clássicos para a formação do ser humano de uma forma geral. As definições por ele oferecidas tem como fundamento a Grécia e atravessa séculos de tradição literária ocidental. Rediscutir um caminho para o ensino de Língua Inglesa nas escolas de Ensino Médio do Brasil que busque preencher lacunas deixadas por métodos tradicionais (LARSEN-FREEMAN, 2000), parece um caminho necessário. Este trabalho sugere a utilização de Clássicos da Literatura Mundial, Adaptados em sala de aula do Ensino Médio de modo que privilegie a leitura desses textos nas aulas. Sobre a importância da leitura não há pensamento contraditório. Consideramos a aplicação de clássicos da Literatura Mundial, especialmente adaptados por editoras especializadas para esse fim, como o caminho ideal – especialmente por estar em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Para embasar nossa hipótese, partimos de nossa própria experiência em sala de aula de Língua Inglesa no Ensino Médio e de teóricos

<sup>1</sup> Orientando. Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa (1997), especialista em Literatura comparada (2008) e em Educação de Jovens e Adultos (2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutorando em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. O artigo apresentado tem suas bases na tese de doutorado que está em andamento. Email: eronflavio@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora. Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: canan@globocom.br.

como Bakhtin (1992), Barthes (2001), Cosson (2007), Eco (1971), Girard (1997), Kleiman (2001), Koch(2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Clássicos. Leitura. Língua Inglesa. Ensino.

## 1. INTRODUÇÃO

As crescentes mudanças tecnológicas, econômicas e sociais na sociedade contemporânea globalizada bem como o enfrentamento de problemas sociais tem apresentado desafios sem precedentes para a humanidade. Mais do que nunca a educação tem sido vista como instrumento necessário para preparar os educandos a enfrentar desafios como a sobrevivência social e estabilidade econômica. Mas, não é qualquer educação que se faz necessária na sociedade contemporânea. Sociedades cada vez mais multimodais tem exigido níveis mais avançados de letramento, a partir de uma educação linguística.

A Língua Inglesa integrada à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, assume a condição de ser parte importante do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e tecnologias, proporcionando a sua maior integração com o mundo globalizado. Pelo seu caráter de sistema simbólico, a Língua Inglesa funciona como meio para se ter acesso ao conhecimento e, portanto, às diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade. É essencial, por isso, entender-se a presença da Língua Estrangeira Moderna estando ela inserida numa área, e não mais como uma disciplina isolada em currículos inapropriados (BRASIL, 1998). É fundamental conferir ao ensino escolar da Língua Inglesa um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados concretos no novo idioma, proporcione ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística tal, que seja capaz de lhe permitir um aprendizado para sua formação geral e prática enquanto cidadão.

As reformulações propostas pelas Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e pelo Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998) não são iniciativas isoladas de nosso país, entretanto. Nações como China, Japão, Chile, Inglaterra, também tem implantado, nos últimos anos, reformas educacionais no ensino básico, visando uma formação crítica que promova a cidadania global e o bem estar social.

Ao que parece, há uma preocupação para se saltar da mera prescrição gramatical, no caso do ensino de línguas – inclusive de língua materna –, para um ensino que possibilite ao sujeito e aprendiz a alcançar uma interação com o mundo que vá além da letra. Assim, visando à educação linguística, os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Inglesa deslocou a visão de língua enquanto código, a ser apropriado a despeito de seu contexto de uso, para uma visão de língua como prática social, como fenômeno de interação social e atividade de produção de sentidos entre interlocutores socialmente situados (BRASIL, 1998, p.28). Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem que o ensino da Língua Inglesa nas escolas de Ensino Médio deve garantir ao aluno o seu engajamento discursivo em uma dada situação de comunicação, e em um determinado contexto sócio-histórico-ideológico (BRASIL, 1998, p.19).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Estrangeira, portanto, se opõem à matriz tradicional estruturalista de ensino de língua, na qual os fragmentos da língua são priorizados com o objetivos de capacitar o aluno a aprender sobre a língua em detrimento de aprender a usá-la e de perceber os seus efeitos de sentido produzidos pelo uso da língua – o objetivo não é, definitivamente, a formação de conhecedores da língua ou de sua gramática, mas de formar usuários competentes<sup>3</sup> da linguagem, tendo a língua como uma de suas principais formas de manifestação – se não a principal.

---

<sup>3</sup> Até mesmo quando os PCN's consideram a aplicação da habilidade oral em sala como sendo desnecessária (BRASIL, 1998, p.20), a grande expansão do mercado brasileiro no mundo, a instalação de multinacionais em nosso solo, programas como o Ciências sem Fronteiras e Jovem Embaixador deixam clara a necessidade de formação de profissionais falantes fluentes, o que torna necessária o desenvolvimento da fala na língua alvo, em nosso caso, em Língua Inglesa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem, claramente, o uso de textos escritos em diversos gêneros textuais – como diálogos, histórias em quadrinhos, leitura de manuais, notícias de jornal, e-mails, entre outros (BRASIL, 1998, p.72). Eles preveem a mudança de postura do aluno que é treinado para ler textos redigidos para fins meramente pedagógicos para a posição de leitor de textos em geral – passando da condição de mero decodificador de informações textuais e com fins avaliativos para a de produtor de sentido de textos reais de diversos gêneros que circulam na sociedade letrada contemporânea (BRASIL, 1998).

É, pois, em sala de aula, que a transposição didática dos Parâmetros Curriculares Nacionais devem ser asseguradas e efetivadas.

## 2. OS DESAFIOS DE UM PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA

Segundo um estudo apresentado por Girard (1997), o professor de Língua Estrangeira acha-se em grande desvantagem em relação ao seu colega que ensina língua materna, por exemplo. O estudioso nos apresenta pelo menos quatro dificuldades enfrentadas por ele, em relação ao evento “aula”, que compromete profundamente o aprendizado do aluno.

Girard destaca a oferta de um horário muito limitado, se o compararmos com as dez ou doze horas diárias durante as quais todos os alunos tem a possibilidade de praticar a sua língua materna, por exemplo. Segundo ele, é difícil criar e desenvolver hábitos linguísticos com uma média de duas ou três horas semanais de ensino coletivo – ainda mais quando se ensina a língua alvo pela língua materna. Também quando levamos em consideração as grandes turmas existentes em nossas escolas de Ensino Médio, essa dificuldade se potencializa.

Outra dificuldade diz respeito à grande falta de motivação da maior parte dos alunos, especialmente quando a atração da novidade de se estudar um idioma aparece enfraquecida diante de um histórico de fracassos e de falhas em alcançar o objetivo

final que é o de tornar todos os aprendizes em proficientes na segunda língua. Passar tantos anos em uma escola regular e ao final perceber que pouco, o quase nada se aprendeu, é realmente desestimulante.

Dentre essas dificuldades ainda há a de vencer hábitos de audição e de fonação, e mesmo de estruturas mentais, substituindo-as por novos hábitos que saltem possíveis interferências que possam atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem. Mas, não podemos negar que, apesar das dificuldades acima mencionadas, precisamos superar esses obstáculos.

O desenvolvimento de um estudo que leve em consideração a leitura de paradidáticos<sup>4</sup> em sala de aula de Língua Inglesa como sendo um meio adequado para contribuir na geração de um aluno mais participativo – mais efetivo – em sala de aula e, conseqüentemente, no mundo moderno, se justifica, portanto, na medida em que a sua utilização em sala de aula puder suprir a grande parte das necessidades acima elencadas.

O então estudo apresentado é fruto de uma aplicação feita em sala de aula há pelo menos quinze anos. Temos experimentado esse tipo de instrumento em sala de aula – Clássicos da Literatura Mundial especialmente adaptados para o ensino de Línguas – e temos visto muito bons resultados. O que se pretende é compartilhar a uma experiência que consideramos bem sucedida. As razões para a considerarmos assim, registraremos mais adiante.

Desse modo, o objetivo deste estudo é, a partir de nossa experiência, investigar o uso dos paradidáticos em sala de aula de Língua Inglesa a partir da ótica de sua viabilidade no Ensino Médio, seguindo as orientações dos documentos oficiais do MEC, em especial os Parâmetros Curriculares Nacionais.

A fim de embasarmos o nosso estudo buscamos relacionar o Estudo do Texto, da Teoria da Recepção e do Efeito Estético, juntamente com a luz dos estudos do conceito de Gênero Textual e Letramento, além de Teorias do Ensino de Línguas. Para tanto, achamos essenciais teóricos como Iser (1996), Todorov (2009), Eco (1971) e

---

<sup>4</sup> Em especial clássicos da Literatura Mundial especialmente adaptados para o ensino da Língua Inglesa.

Cosson (2007), como Larsen-Freeman (2000), Girard (1997), além de Marcuschi (2007), Oliveira (2008), Koch (2009), Kleiman, entre outros.

### 3. CONCEPÇÃO DE TEXTO E LEITURA

Não há concepção melhor para o caminho do ensino de uma Língua Estrangeira que não seja através da leitura e aplicação de textos em sala de aula. É possível concordar com os documentos oficiais do Ministério da Educação para o ensino e o aprendizado em Língua Estrangeira a esse respeito. Nós acreditamos que eles, os textos, deveriam ser utilizados em aulas de Língua Inglesa em todos os anos escolares. Mas, no nosso caso, buscamos apenas atingir a classe dos alunos que cursam o Ensino Médio. Para isso a concepção de texto e de leitura é fator determinante para o sucesso de nosso estudo acima especificado. Vejamos como entendemos esses importantes conceitos – de texto e de leitura –, a partir de alguns importantes pensadores.

Segundo Koch e Travaglia (2009), o texto é essencial e bastante presente na sociedade, possuindo função bem definida. Segundo eles, o texto é:

uma unidade linguística concreta (perceptível pela audição e pela visão), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão (p.8).

Ainda nesse pensamento, Segundo Koch e Elias (2010, p.7): “o texto é o lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos”.

É a partir desse princípio que entendemos o papel do texto nas relações sociais. As experiências das pessoas – dos leitores – e os seus conhecimentos tem seus espaços constituídos numa dinâmica interacional, numa relação dialética de construção e desconstrução de sentidos e, porque não dizer, de mundos – que se refletem no texto.

O texto inexistente sem a presença do leitor. É o leitor que dá voz e vida ao texto, não importa em que campo de conhecimento este se inscreva. É no cruzamento das vozes – do autor e dos leitores – que os seus sentidos vão se constituindo e outras leituras ou outros textos vão se configurando numa constelação de saberes e conhecimentos que se mesclam e se interpenetram como numa partitura de mil acordes e num arco-íris de mil cores. (TURCHI e SILVA, 2006, p.63)

O texto, assim como queremos evidenciá-lo em nosso estudo, é consequência de uma relação dialógica da língua em que tanto o leitor quanto o autor "são vistos como construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto" (KOCH e ELIAS, 2010, p.10). Nesse sentido é indispensável o contexto em que ele é produzido bem como o conhecimento de mundo em que os atores sociais – autor e leitor – se realizam. Nessa perspectiva, o sentido do texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação.

De acordo com esses mesmos autores, a leitura de um texto é resultado de uma ação interativa, que constrói sentidos e que se realiza com base em elementos linguísticos – no nosso caso da Língua Inglesa – presentes na superfície do texto e também na sua organização. Ela também requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

O efeito de uma leitura, a partir dessa concepção, sociointeracional, portanto, é o posicionamento do leitor em relação às verdades descritas no texto: ele concordará ou não com as idéias do autor. Em outras palavras, ele emprestará o seu conhecimento de mundo ao texto, de forma a “preencher os espaços vazios” (ECO, 1971) nele encontrados.

Vygotsky (1991)<sup>5</sup>, que defende essa concepção – que no seu berço considera a linguagem como tendo pelo menos uma função básica e principal, que é a função de intercâmbio social –, afirma que “é para se comunicar que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem (*apud* Oliveira, 1997, p.42). De acordo com essa teoria, o texto

---

<sup>5</sup> A teoria sociointeracionista volta-se para questões de ensino e aprendizagem, tal como é postulado por Vygotsky (1991), e contribui para o entendimento de que a interação entre professor e aluno em sala de aula é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem com aplicação social.

não é apenas um conjunto de códigos a serem decifrados, mas um lugar de interação de um sujeito que é, ao mesmo tempo, social, histórico e dialeticamente constituído.

Entendemos, portanto, a leitura como sendo uma atividade que requer intensa participação do leitor. Se o autor apresenta um texto que não é de todo completo – pressupondo-se que o que foi por ele dito apresentou espaços vazios, no que se refere ao conhecimento partilhado – o leitor emprestará o seu conhecimento a fim de completá-lo, potencialmente, por meio de contribuições advindas de seus diversos saberes, sejam eles científicos ou não<sup>6</sup>.

#### 4. SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO

Para chegarmos ao entendimento da importância dos gêneros textuais nos dias de hoje, todos nós precisamos entender, como diz Marcuschi (*In*: DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2007, p.22) que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro contexto social, sob a forma de gênero, concluímos que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero.

Marcuschi ainda define os gêneros textuais como sendo fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social e como fruto do trabalho coletivo. Segundo ele, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Dessa maneira eles se definem de acordo com a esfera social de circulação de cada um, sejam elas de origem científica, política, literária, artística, publicitária, cotidiana ou midiática, por exemplo. O nosso objeto de estudo – os paradidáticos para o ensino de Língua Inglesa – manifesta-se na esfera social de circulação literária ou artística, podendo ser definido com de narrativas fantástica e/ou

---

<sup>6</sup> Cabe neste ponto dizer que os paradidáticos especialmente escolhidos para o ensino de línguas são, muitas vezes, obras clássicas da literatura mundial, o que permite, por exemplo, o trabalho com diversos temas transversais apresentados nos documentos oficiais do MEC.



de ficção<sup>7</sup>, mais precisamente. É exatamente pelo fato de eles surgirem de acordo com realizações linguísticas concretas, escritas ou orais, que nós entendemos que não poderíamos deixar de tomá-los como base para este trabalho.

É necessário dizer que quando nós nos deparamos com uma notícia jornalística, com uma crônica, com um horóscopo, uma receita, um e-mail ou um bilhete, uma certidão de nascimento ou um ofício, ou um telefonema ou uma música, estamos diante de textos que respondem a uma necessidade social, que são reflexos de estruturas sociais de uma cultura. Os paradidáticos disponíveis para o Ensino de Língua Inglesa também respondem a uma necessidade social, localizada principalmente no âmbito escolar, podendo, entretanto, transcendê-lo naturalmente – eles podem ser lidos em casa<sup>8</sup>.

## 5. SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E SEUS MÉTODOS

Segundo Girard, “em todas as situações de ensino de línguas há três elementos que são considerados fundamentais: o aluno, o professor e o método” (1997, p.19). Para ele é de uma boa adaptação do método ao professor e do professor ao aluno que depende, antes de mais nada, o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

A fim de desenvolvermos a nossa defesa, consideraremos o aluno regular de nosso país – no estado do Rio Grande do Norte, portanto – tal como é, com suas capacidades inatas prontas para desenvolver as mais diversas habilidades formais e informais. Eles surgem nas aulas com interesses comuns e buscam aprender tópicos

---

<sup>7</sup> Bakhtin distingue os gêneros textuais, que ele chama de discursivos, como primários (da comunicação cotidiana) e secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita). Trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas do uso da linguagem em processo dialógico-interativo. Os gêneros secundários tais como romances, contos, ensaios filosóficos, são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a arte, a ciência e a política. Isso não quer dizer que eles sejam refratários aos gêneros pertencentes à esfera do cotidiano. Nada impede, entretanto, que uma forma do mundo cotidiano possa entrar pela esfera da arte, da literatura e da ciência. As esferas se modificam e se completam na atividade comunicativa (BRAIT, 2005).

<sup>8</sup> Os paradidáticos estão muito presentes em escolas particulares do Ensino Médio e cursos de idiomas. Eles agora também estão chegando da escola pública como uma espécie de leitura complementar.

que podem lhes ser importantes para o seus futuros quando adultos. Da mesma forma, para nós, o professor nesse processo é aquele que fora bem formado, com toda a capacidade linguística, psicológica e pedagógica possível, o que não é possível entendê-lo de outra forma<sup>9</sup>.

Com relação ao método a ser aplicado em sala de aula, reconhecemos que esse deve ter um papel determinante e deve ser aquele acerca do qual mais facilmente pode agir como uma boa intervenção no processo de ensino e aprendizagem na escola. Ele precisa ter um papel determinante, uma vez que atua tanto sobre o professor – o professor deve dominar o método – quanto sobre o aluno – o método deve ser claro e acessível a todos ele.

O estudo dos paradidáticos como uma importante ferramenta para o ensino e línguas, como pensamos, depende diretamente do tipo de método a ser aplicado em aulas. Isso porque há várias razões que podemos elencar para aplicação de uma Leitura de paradidáticos em sala de aula de língua inglesa no Ensino Médio – algumas das quais citaremos mais adiante.

Para nós, é o “método comunicativo” o mais próximo do ideal uma vez que defende a ideia de a aprendizagem ser sempre centrada no aluno, não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula. É o método no qual o professor deixa de exercer seu papel de autoridade, de distribuir conhecimento para assumir o papel de orientador. Para esse método, o aspecto afetivo é visto como uma variável importante no processo de ensino e aprendizagem – o encorajamento à participação é de se destacar. No método comunicativo todas as atividades são aplicadas a partir de situações reais como a ação de se dirigir a uma loja para solicitar informação ou comprar alguma coisa, assim como dramatizações e trabalhos em grupo e diálogos ganham destaque na aplicação desse método. Essa linha de condução de uma aula em Língua Inglesa parece contemplar as bases para uma aula com paradidáticos.

---

<sup>9</sup> Isso se dá porque acreditamos não ser possível, para esse trabalho, traçar um perfil do professor de línguas em nosso país, nivelando-os quanto à sua formação e experiência, uma vez que isso levaria bastante tempo para ser concretizado.

## 6. SOBRE A LEITURA DE PARADIDÁTICOS

A leitura de “paradidáticos para o Ensino de Língua Inglesa” faz do aluno um leitor mais competente e o torna mais confiante. Ademais, a sua leitura é uma ótima atividade que pode ser acolhida em qualquer lugar: em casa, na escola ou na praça, por exemplo. Um dado importante a ser registrado é que a leitura de paradidáticos – como toda e qualquer leitura – também é um ato intransferível, ao mesmo tempo em que é um processo que pode ser independente e que dialogue com outras culturas.

Reforçando a importância da leitura sem tempo e lugar definidos, Cosson afirma que “A leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário” (2007, p.27). É exatamente isso que faz com que o aprendizado seja especial e intransferível quando tem como fonte a leitura – e os paradidáticos se encaixam nesse ponto. Somente quem lê experimenta essa verdade.

A experiência da leitura de “paradidáticos para o Ensino de Língua Inglesa” não somente permite ao aluno saber da vida por meio da experiência do outro, como também de vivenciar essa experiência. Esse é um grande diferencial do encontro do aluno com esse gênero textual. Isso se dá porque, como consequência, a leitura naturalmente demanda respostas do leitor. Este a absorve de diferentes maneiras e a explora sob diversos aspectos.

E é exatamente quando esse processo se efetiva que a leitura atinge o seu aspecto mais relevante. À medida que faz leituras complementares<sup>10</sup> o “aluno-leitor” torna-se naturalmente mais confiante e competente. Em leituras de “paradidáticos para o Ensino de Língua Inglesa” – muitas delas oriundas de clássicos da literatura mundial – não se dá nada pronto. O aluno sempre completará o texto com a sua

---

<sup>10</sup> A leitura de paradidáticos também é considerada por nós como uma leitura complementar. Não queremos confundir a utilização de paradidáticos com ensino de literatura. O ensino de Língua Estrangeira no Ensino Médio não contempla o ensino de Literatura Estrangeira de acordo com os documentos oficiais. Por isso, chamamos algumas vezes os paradidáticos de “leitura complementar”.

interpretação uma vez que a obra está sempre aberta para com ele interagir. Norton (2000, p. 11), ainda reforça esse ponto ao dizer que “quando aprendizes de uma língua falam, eles não estão apenas trocando informação com outros falantes, mas estão, constantemente, organizando e reorganizando o sentido de quem eles são e como eles se relacionam com o mundo social”.

Iser (1996) deixa claro que um texto literário está sempre aberto para que o leitor o adentre com seu conhecimento de mundo. É papel do leitor interagir com a obra, compartilhando conhecimentos a partir da rede de saberes encontrada na concepção de mundo descrita pelo autor do texto. O leitor, durante a leitura, tira suas próprias conclusões a respeito do enredo da história. Isso é o que faz com que esse tipo de leitura de paradidáticos se torne rica e atrativa. Cada leitura concluída vai gerar uma ampliação de conhecimento em cada leitor. Por isso o caráter é singular e intransferível.

A leitura de “paradidáticos para o Ensino de Língua Inglesa” estimula a imaginação do leitor, de maneira geral, pois lida com uma linguagem de ficção – de representação, portanto. A leitura de paradidáticos – oriundos muitas vezes de textos literários e de obras fantásticas – estimula o pensamento do leitor em direção a outras realidades possíveis, acionando o seu banco de informações constantemente e atualizando o seu *background*<sup>11</sup> (Iser, 1996). Vale salientar que, em uma aula com “paradidáticos para o Ensino de Língua Inglesa” – um romance da literatura mundial, por exemplo – o professor servirá também como coordenador – mediador –, acompanhando a forma de pensar do aluno, oferecendo-lhe sempre uma leitura ética de valores existentes no mundo, compartilhando o vocabulário expresso nos parágrafos e nos períodos descritos no corpo do texto. Tudo isso porque:

a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a

---

<sup>11</sup> Isto quer dizer que, além da apreensão das estruturas linguísticas, temas transversais oriundos dos enredos das histórias, são desenvolvidos a partir de conversas em sala de aula e atualizando o conhecimento de mundo informal e científico dos alunos, de maneira que passam a ser objetos de reflexão e de discussão, tornando a aula ainda mais envolvente.

literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (BARTHES, 2001, p.18).

## 7. ALGUMAS RAZÕES PARA O USO DE PARADIDÁTICO EM SALA DE AULA

Os paradidáticos que queremos trazer para sala de aula são textos literários adaptados, escritos em Língua Inglesa, cujas estruturas põem a sua assimilação permanentemente em curso – enquanto estão sendo lidas. A recepção do texto e o efeito que dele se reproduz atuam com métodos tanto histórico-sociológicos quanto teóricos-textuais (ISER, 1996).

Nessa direção a apreensão do texto em si alcança a sua mais plena dimensão quando esses dois caminhos se interligam e se entrecruzam. Daí a ênfase poder também ser dada nos efeitos que o texto pode produzir e não somente à significação objetiva do texto.

Segundo Ítalo Calvino (1923 – 1985), em seu livro *Por que ler os clássicos* (1991), um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Calvino ainda elenca razões para a leitura dessas obras uma vez que exercem uma influência particular quando muitas vezes se impõem como inesquecíveis e quando se ocultam na memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual.

Assim, segundo Iser,

O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. [...] Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la (2000, p.11).

Para Barthes (2001, p.40),

Lemos um texto com uma mosca voando no volume de um quarto: por ângulos bruscos, falsamente definitivos, atarefados, inúteis: a ideologia passa por sobre o texto e sua leitura como rubor sobre o rosto [...] as forças contrárias não se encontram mais em estado de recalçamento, mas de devir: nada é verdadeiramente antagonista, tudo e plural.

É na perspectiva plural que uma Leitura de paradidáticos– a partir de um paradidático – pode proporcionar que reconhecemos o seu incontestável valor. A liberdade de absorver as informações por vários ângulos bem como a oportunidade de aplicar o conhecimento prévio durante a leitura são favorecimentos que podem servir como incentivos para um maior envolvimento do aluno em aulas de inglês.

Dessa forma, usamos os paradidáticos em salas de aula de língua inglesa do Ensino Médio, uma vez que, a partir de nossa experiência temos descoberto que:

7.1 A Leitura de paradidáticos é uma excelente fonte de motivação para o aluno.

Qualquer tentativa de mudança em estratégias de ensino de língua inglesa pode ser um caminho para transformar a atitude de um aluno que está cansado de estar diante dos modelos tradicionais de aula. A simples possibilidade de poder fazer uma leitura de um livro clássico da literatura, especialmente adaptado para aplicação em aulas de Ensino Médio, pode redimensionar o comportamento do aluno em relação ao aprendizado da língua.

7.2 A Leitura de paradidáticos aumenta o conhecimento de mundo do aluno.

Todas as pessoas são detentoras de conhecimento de mundo. Os alunos também o são e se enquadram naquela classe que estão em processo acelerado de aquisição de conhecimento formal e informal. Eles chegam à escola trazendo seus referenciais sociais, políticos, culturais, biológicos e antropológicos ainda que de maneira informal. A Leitura de paradidáticos pode ampliar esse conhecimento a partir do que por ela é compartilhada.

Em um clássico como o livro *Alice no País das Maravilhas* lido em sala de aula pode-se discutir noções a respeito de temas como o destino, o sonho e a luta do bem contra o mal, por exemplo, ou todas as mudanças pelas quais passam os adolescentes.

7.3 Com a Leitura de paradidáticos os leitores são participantes reais na recepção de uma grande quantidade de textos escritos com propósitos comunicativos reais.

Apesar de a Leitura de paradidáticos ser um escrito ficcional ela apresenta valores e situações muito parecidas com o que se pode encontrar no mundo real. Nesse sentido a recepção do texto fará com que o aluno ative inconscientemente o seu pano de fundo de valores e princípios e ele, naturalmente, fará uma leitura como se estivesse diretamente ligado a espaços comunicativos reais.

7.4 Em Leitura de paradidáticos os alunos podem ser apresentados a grande autores e a contextos de épocas importantes.

Os autores de textos literários – especialmente os de obras da literatura mundialmente reconhecidas – escrevem dentro de contextos singulares, respondem a situações especiais, criam mundos, constroem e desconstroem realidades de acordo com suas concepções a respeito da vida e do ser humano.

7.5 A Leitura de paradidáticos encoraja o envolvimento pessoal.

Um dos aspectos da Leitura de paradidáticos é o de promover o envolvimento pessoal do aluno com a obra lida. Ao se deparar com situações e circunstâncias relatadas no livro o aluno-leitor se posiciona automaticamente em relação ao ocorrido no enredo do romance. No caso de *Alice no País das Maravilhas* a rainha, sem muitos motivos, quer cortar a cabeça de todos aqueles que a desobedecem ou que ela julga lhe desobedecer.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Cosson (2007), a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser

solidário e é exatamente isso que faz com que o aprendizado seja especial e intransferível. Somente quem lê experimenta essa verdade.

Naturalmente a leitura demanda respostas do leitor. Este a absorve de diferentes maneiras e a explora sob diversos aspectos. É exatamente quando esse processo se efetiva que a leitura atinge o seu aspecto mais relevante. À medida que faz leituras complementares – como temos chamado a leitura de obras da literatura mundial especialmente adaptadas para aulas de inglês – o aluno-leitor torna-se naturalmente mais confiante e competente. Em leitura de paradidáticos não se tem/dá nada pronto. O aluno sempre completará o texto com a sua interpretação uma vez que a obra está sempre aberta para isso.

Um texto literário está sempre aberto para que o leitor o adentre com seu conhecimento de mundo. Segundo Eco (1971) é papel do leitor preencher os espaços vazios deixados pela concepção de mundo descrita pelo autor no texto que ele escreveu. Então ele, o leitor, tirará suas próprias conclusões a respeito do que leu no enredo da história. Isso é que faz com a leitura de paradidáticos se torne rica e atrativa. Cada leitura concluída vai gerar uma ampliação de conhecimento em cada leitor. Nesse processo, encaminha-se tanto o vocabulário, quanto as estruturas de uma língua, quanto a exploração do texto – isto é, de gêneros textuais –, seja ele uma carta, um poema, um romance, uma receita culinária, um bilhete ou uma peça de teatro.

Nesse universo, cabe tantos paradidáticos adaptados da Literatura Mundial, quantos queiramos – muitos deles são compostos por uma considerável diversidade de gêneros.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias**. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



- CORDEIRO, V. M. Cenas de leitura. IN: TURCHI, M.Z; SILVA, V.M. (Orgs.) **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ECO, Humberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- GIRARD, Dennis. **Linguística aplicada e didática das línguas**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v.1 São Paulo: Editora 34, 1996.
- KLEIMAN, Ângela, B. (Org.). **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre práticas sociais da escrita**. 3ª Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- KOCH, I. V; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 17ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- LARSEN-FREEMAN, Diane, **Techniques and Principles in Language Teaching**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A.(Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 5ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007,p.19)
- NORTON, B. **Identity and language learning: Gender, ethnicity, and educational change**. Harlow, England: Longman/Pearson, 2000.
- OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Ângela, B. (Orgs.). **Letramentos Múltiplos: agentes, práticas, representações**. Natal: EDUFERN, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.